

A UNIVERSIDADE NA FLORESTA: FORMAÇÃO, RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO DE MULHERES RIBEIRINHAS NO INTERIOR DO AMAZONAS

Deize Martins França

Graduada em Licenciatura em Letras e Literatura pela Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Especialista em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela Faculdade Única/MG. Técnica em Tradução e Interpretação de Libras/CETAM-AM. Mestranda em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Atuou como professora da rede municipal de Ensino como Professora de Educação Especial. Bolsista FAPAM. E-mail: dmf.mic22@uea.edu.br

Nelissa Peralta Bezerra

Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2012)
Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará, Brasil.
E-mail: Nelissa2013peralta@gmail.com

Resumo: Este trabalho aborda o desenvolvimento da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), com ênfase na sua atuação no município de Tefé, por meio do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST). A pesquisa apresenta o processo de criação e expansão da universidade na região, destacando os desafios enfrentados e os impactos positivos gerados para a população local e de cidades vizinhas. A chegada da UEA em Tefé representou um marco histórico para o interior do Amazonas, proporcionando acesso à educação superior pública e gratuita em uma área geográfica marcada por limitações logísticas, sociais e econômicas. O estudo enfatiza, sobretudo, o papel fundamental da universidade no empoderamento de mulheres ribeirinhas, que antes viviam à margem do sistema educacional. Através da formação acadêmica, essas mulheres encontraram meios de ampliar seus conhecimentos, valorizar suas identidades culturais e se fortalecer como agentes de transformação social. Ao ingressarem na universidade, muitas dessas mulheres passaram a ocupar espaços significativos na educação pública local, especialmente como docentes da rede municipal de ensino, influenciando positivamente suas comunidades de origem. Assim, a UEA, por meio do CEST, revela-se não apenas como um espaço de ensino e pesquisa, mas também como um instrumento de promoção da cidadania, da igualdade de oportunidades e da valorização dos saberes tradicionais. Este trabalho evidencia como a presença da universidade no interior

amazônico vem contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, plural e inclusiva.

Palavras-chave: Universidade Pública; CEST; Populações ribeirinhas; Tefé.

Abstract: This work addresses the development of the State University of Amazonas (UEA), with emphasis on its activities in the municipality of Tefé, through the Tefé Center for Higher Studies (CEST). The research presents the process of creation and expansion of the university in the region, highlighting the challenges faced and the positive impacts generated for the local population and neighboring cities. The arrival of UEA in Tefé represented a historical milestone for the interior of Amazonas, providing access to free public higher education in a geographical area marked by logistical, social, and economic limitations. The study emphasizes, above all, the fundamental role of the university in empowering riverside women, who previously lived on the margins of the educational system. Through academic training, these women found ways to expand their knowledge, value their cultural identities, and strengthen themselves as agents of social transformation. Upon entering the university, many of these women began to occupy significant spaces in local public education, especially as teachers in the municipal school system, positively influencing their communities of origin. Thus, UEA, through CEST, reveals itself not only as a space for teaching and research, but also as an instrument for promoting citizenship, equal opportunities, and the appreciation of traditional knowledge. This work highlights how the university's presence in the Amazonian interior has been contributing to the construction of a more just, plural, and inclusive society.

Keywords: Public University; CEST; Riverside communities; Tefé.

INTRODUÇÃO

De acordo com informações publicadas pelo site *National Geographic* (2020), a primeira universidade do mundo surgiu no ano de 859, na cidade de Fez, no Marrocos. Trata-se da Universidade de al-Qarawiyyin, fundada por uma mulher muçulmana chamada Fátima al-Fihri. Movida pelo desejo de proporcionar acesso ao conhecimento para jovens de sua comunidade, Fátima estabeleceu, nas dependências de uma mesquita, um espaço voltado ao ensino de diversas áreas do saber, como matemática, física, química, astronomia e línguas estrangeiras. Esse feito histórico representa não apenas o início da institucionalização do ensino superior, mas também um marco de protagonismo feminino no campo educacional, especialmente em uma época marcada por profundas restrições sociais impostas às mulheres.

Com o passar dos séculos, o modelo universitário expandiu-se para diferentes regiões do mundo, sendo gradualmente incorporado à estrutura educacional de diversos países. No Brasil, embora as universidades tenham surgido oficialmente apenas no século XX, já existiam instituições de ensino superior desde o período imperial. Entre as primeiras universidades brasileiras destaca-se a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), criada oficialmente em 12 de fevereiro de 1909, sob a denominação de Escola Universitária Livre de Manaus, conforme a Lei nº 601, de 8 de outubro de 1909. A instituição foi idealizada e fundada por Joaquim Eulálio Gomes da Silva Chaves, sendo posteriormente renomeada como Universidade de Manaus, em 1913; Universidade do Amazonas, em 1962; e, por fim, Universidade Federal do Amazonas, a partir do ano de 2002.

Já a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) foi instituída oficialmente pela Lei nº 2.637, de 12 de janeiro de 2001, regulamentada por meio do Decreto nº 21.666, de 1º de fevereiro do mesmo ano. A universidade foi criada como uma fundação vinculada à Administração Indireta do Poder Executivo Estadual, sob a supervisão da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI), tendo como missão principal a interiorização do ensino superior no estado do Amazonas, promovendo a democratização do acesso à educação pública e gratuita em regiões distantes da capital.

Desde sua fundação, a UEA destacou-se pelo expressivo número de candidatos: aproximadamente 200 mil vestibulandos participaram do processo seletivo inicial. A universidade contava com um corpo docente qualificado e uma estrutura física adequada ao funcionamento das atividades acadêmicas, apresentando desde o início o compromisso com a expansão do ensino superior para os municípios do interior do estado.

Nesse contexto, destaca-se a implantação do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), um marco significativo para o município, localizado no Médio Solimões. A chegada da UEA a Tefé representou uma transformação histórica e social, promovendo o acesso ao ensino superior de qualidade para jovens e adultos da região, sobretudo para aqueles oriundos de comunidades ribeirinhas e de municípios vizinhos. A criação do CEST foi viabilizada com o apoio de diferentes setores da sociedade local, incluindo o poder público e instituições religiosas presentes na cidade, que reconheceram na universidade um instrumento de desenvolvimento social, cultural, político e econômico.

A instalação da UEA em Tefé proporcionou oportunidades concretas de formação acadêmica, contribuindo diretamente para a melhoria da qualidade de vida da população local. A inauguração do centro universitário foi registrada em ato

solene, que contou com a presença de autoridades políticas, religiosas, docentes e representantes da sociedade civil. Na ocasião, estudantes, lideranças comunitárias e diversos segmentos sociais celebraram o início de uma nova fase educacional para o município.

Figura 1: Autoridades na inauguração do Cest



Fonte: Internet

O CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ: DESAFIOS, TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS LOCAIS

De acordo com o relatório institucional referente ao primeiro ano de funcionamento do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), unidade da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), a implantação da universidade no município, no ano de 2000, foi concebida inicialmente como um espaço de articulação político-burocrática. Para as regiões interioranas, historicamente excluídas de políticas públicas efetivas no âmbito da educação superior, essa iniciativa foi recebida com grande entusiasmo e valorização por parte da população local.

A proposta de interiorização do ensino superior, no entanto, enfrentou diversos entraves desde o seu início. Em Tefé, uma das principais dificuldades observadas estava relacionada à precariedade da infraestrutura básica, como o fornecimento instável de energia elétrica. A ausência de rede elétrica contínua inviabilizava o pleno funcionamento das atividades acadêmicas, obrigando, por diversas vezes, a interrupção das aulas, o afastamento temporário dos estudantes e a suspensão de atividades pedagógicas. A inexistência de ambientes climatizados e a inadequação dos espaços físicos tornavam o processo de ensino-aprendizagem ainda mais complexo, sobretudo devido ao clima quente e úmido característico da região amazônica, que dificulta a concentração e o desempenho acadêmico dos discentes.

Entretanto, foi justamente diante desses desafios que muitos estudantes persistiram em sua trajetória acadêmica. A convicção de que a educação poderia ser um instrumento de transformação social impulsionou inúmeros jovens e adultos, em especial oriundos de comunidades ribeirinhas, a ingressarem na universidade. O acesso ao ensino superior representava, para muitos, a oportunidade concreta de melhoria na qualidade de vida, além da realização de sonhos e aspirações até então distantes da realidade local.

A presença da UEA em Tefé transformou-se em um marco histórico, sendo responsável não apenas pela formação técnica e científica dos indivíduos, mas também pela promoção do despertar da consciência cidadã e política. O espaço universitário passou a ser visto como um local de reflexão crítica, valorização identitária e construção de novos projetos de vida. A universidade tornou-se, assim, um agente dinamizador da educação popular, da promoção da diversidade cultural e da formação de sujeitos sociais comprometidos com o desenvolvimento regional.

Movimentos acadêmicos, sociais e culturais passaram a surgir dentro da universidade, incentivando debates, ampliando o protagonismo estudantil e proporcionando experiências formativas além do conteúdo curricular. A universidade contribuiu para a ampliação do horizonte intelectual dos estudantes, possibilitando a articulação entre saberes tradicionais e conhecimentos científicos, promovendo, de forma interdisciplinar, mudanças significativas nos contextos local e regional.

Atualmente, o CEST encontra-se instalado em sua sede definitiva, localizada à Rua Brasília, n.º 1245, no Bairro Juruá, no município de Tefé. Inicialmente, o prédio contava com uma estrutura modesta, limitada a um único bloco físico. Com o passar dos anos, no entanto, o espaço passou por reformas, ampliações e modernizações significativas, a fim de atender à crescente demanda da comunidade

acadêmica. As melhorias incluem a climatização das salas, ampliação da biblioteca, adequação para acessibilidade, implantação de laboratórios, auditório, restaurante universitário e áreas de convivência, beneficiando não apenas os estudantes residentes na sede municipal, mas também aqueles provenientes da zona rural e de cidades vizinhas, que veem em Tefé uma referência regional de acesso ao ensino superior público e gratuito.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS, CENTRO DE ESTUDOS SUPERIOR DE TEFÉ.

Figura 2: Universidade do Estado do Amazonas em Tefé



Fonte: internet

A universidade é, por excelência, um espaço de transmissão, troca e reconstrução de saberes. Como afirma Forquin (2003, p. 24), “educar, ensinar, é colocar alguém em presença de certos elementos de cultura a fim de que esse alguém deles se nutra, os incorpore às suas substâncias e construa sua identidade intercultural e pessoal em função deles”. Com base nessa perspectiva, compreende-se a universidade não apenas como um ambiente de aprendizagem formal, mas como um campo de transformação de sujeitos, de desconstrução de preconceitos e de ressignificação de saberes historicamente marginalizados.

Nesse contexto, a valorização de agentes sociais tradicionalmente excluídos dos espaços acadêmicos – como os trabalhadores rurais, pescadores, artesãos e as

mulheres ribeirinhas – representa um avanço fundamental. Ao acolher esses sujeitos, a universidade não apenas lhes oferece novos conhecimentos, mas também reconhece e legitima saberes ancestrais e comunitários que compõem o patrimônio cultural local. Assim, o ambiente acadêmico torna-se também um espaço de afirmação identitária e fortalecimento histórico, promovendo o autoconhecimento e o enraizamento cultural dos estudantes.

A Universidade do Estado do Amazonas (UEA), nesse sentido, cumpre um papel crucial, ao capacitar seus discentes para atuarem de forma crítica e autônoma, possibilitando-lhes pensar e produzir conhecimento a partir de suas vivências, valores e contextos socioculturais. A atuação da universidade transcende a formação técnica e atinge dimensões políticas e sociais. Como destaca Freire (1996), “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Com base nessa visão crítica, Boaventura de Sousa Santos (2011) propõe uma reforma paradigmática nas instituições educacionais, que rompa com os moldes da educação formal imposta pelo sistema hegemônico de conhecimento eurocentrado. O autor denuncia o caráter colonial da universidade moderna, construída sob os pilares de uma racionalidade científica que exclui outras formas de saber. Em sua proposta de “ecologia dos saberes”, Santos (2011) defende uma universidade aberta ao diálogo com os conhecimentos populares, indígenas, tradicionais e ribeirinhos, como forma de democratizar o conhecimento e reconhecer a pluralidade epistêmica existente.

Ao adotar essa abordagem, a universidade contribui para a superação de estigmas e estereótipos historicamente atribuídos às populações do interior e das zonas rurais, que ainda hoje enfrentam discriminações simbólicas e institucionais. Embora a presença dessas populações nas universidades tenha aumentado, os paradigmas urbanos e elitistas continuam a operar como obstáculos silenciosos à plena inclusão. Para Santos (2011, p. 33), “a universidade pública deve ser, além de um espaço de acesso, um espaço de qualidade, mas uma qualidade referenciada à diversidade, à justiça cognitiva e à inclusão social”.

A Universidade em Tefé e as Oportunidades Criadas

O contexto amazônico, caracterizado por sua vasta diversidade cultural, linguística e ambiental, impõe à universidade um desafio singular: dialogar com saberes locais e se tornar, de fato, uma instituição inclusiva e plural. Nesse sentido, a Universidade do Estado do Amazonas, por meio do Centro de Estu-

dos Superiores de Tefé (CEST), tem desempenhado um papel significativo ao abrir suas portas para a comunidade e buscar articular o conhecimento acadêmico com os saberes tradicionais da floresta.

A universidade, nesse espaço, não deve se restringir à reprodução de saberes hegemônicos, mas sim constituir-se como um espaço de interculturalidade, onde os saberes acadêmicos e comunitários possam dialogar em pé de igualdade. Como afirma Morin (2003), é preciso romper com a fragmentação do saber e com a hiperespecialização, pois o conhecimento verdadeiro está na articulação entre os saberes e não na sua separação. A universidade, portanto, deve ser um campo de interações e conexões, em que o conhecimento seja compreendido de forma ampla, complexa e situada.

A interdisciplinaridade, nesse contexto, assume um papel central. Ela permite a construção de um conhecimento mais coerente com as realidades vividas, especialmente em territórios como a Amazônia, onde os modos de vida e saberes dos povos da floresta não se ajustam aos moldes eurocêntricos de conhecimento. Ao promover feiras, rodas de conversa e eventos que valorizam os saberes tradicionais – como o uso de plantas medicinais, os conhecimentos empíricos sobre o meio ambiente e os modos de produção artesanal, a UEA tem contribuído para a valorização da identidade ribeirinha e a preservação do patrimônio imaterial da região.

A presença de comunidades ribeirinhas no ambiente universitário tem sido um dos maiores avanços no sentido de construir uma universidade mais democrática e representativa. Ao abrir espaço para que essas populações apresentem seus produtos, seus modos de vida e seus conhecimentos, a universidade deixa de ser um espaço isolado e elitista para tornar-se um ambiente de convivência e troca. Como pontua Brandão (2002), a educação precisa ser compreendida como um ato de produção cultural e não apenas como transmissão de conteúdos: “Ensinar é um ato político. Educar é um compromisso com o outro, com a vida, com a transformação”.

Nesse sentido, o CEST/UEA, ao longo de seus mais de vinte anos de atuação, tem avançado na construção de uma universidade acolhedora, plural e socialmente referenciada. Ainda que muitos desafios persistam, como a ampliação da oferta de cursos e a garantia de permanência estudantil, é inegável o papel que a instituição tem desempenhado na formação de sujeitos críticos, na promoção do empoderamento feminino e no fortalecimento das comunidades ribeirinhas.

A seguir, a universidade apresentada por dentro, com suas salas de cursos diversos, mais bem equipada e estruturada, muito diferente do que fora anos atrás,

proporcionando aos alunos mais qualidade de ensino e experiências enriquecedoras no espaço acadêmico.

CEST VISTO POR DENTRO

Figura 3 Interior da Universidade do Estado do Amazonas, CEST



Fonte: Pesquisadora

O CEST, SEUS ESPAÇOS E A PRÁTICA DO ACOLHIMENTO

Ao longo de seus 23 anos de atuação no município de Tefé, o Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST/UEA) tem promovido não apenas o acesso ao ensino superior, mas também transformações sociais, culturais e pessoais significativas. A presença da universidade no interior amazonense vem ressignificando trajetórias de vida, especialmente para estudantes oriundos de comunidades ribeirinhas, indígenas e de zonas rurais, que encontram na universidade pública uma possibi-

lidade concreta de ascensão educacional, qualificação profissional e fortalecimento de suas identidades.

Nesse percurso, é notório que a atuação do CEST/UEA vai além da formação técnica e acadêmica. A instituição tem buscado, gradualmente, aprimorar seus espaços físicos e pedagógicos, tornando-se, cada vez mais, um lugar de acolhimento, pertencimento e escuta ativa. A melhoria da infraestrutura reflete esse movimento. Com um novo prédio, mais amplo, moderno, climatizado e com maior acesso à internet, o CEST passou a oferecer aos seus acadêmicos condições mais dignas e adequadas para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Segundo Paro (2000), o espaço escolar deve estar a serviço da emancipação humana, promovendo ambientes que estimulem o pensamento crítico e a participação ativa dos sujeitos. Assim, pensar a universidade como um espaço acolhedor implica considerar não apenas a estrutura física, mas também os vínculos humanos, afetivos e pedagógicos ali estabelecidos. Nesse sentido, a criação de ambientes que favoreçam o estudo, o diálogo e a convivência é parte essencial do processo educativo.

O espaço recém-inaugurado, denominado Rita Eutrópio, IN MEMORIA, em homenagem à professora que dedicou grande parte de sua vida à educação no município de Tefé, é um exemplo simbólico e prático desse novo momento institucional. Esse ambiente foi projetado especialmente para momentos de estudo, leitura, encontros acadêmicos e trocas de experiências entre os estudantes. Anteriormente, tais atividades eram realizadas em áreas comuns da universidade, como o pátio e o refeitório, que, além de não serem climatizados, apresentavam ruídos e movimentos constantes, dificultando a concentração e o desempenho acadêmico.

De acordo com Carvalho (2017), o ambiente educacional deve proporcionar conforto, funcionalidade e bem-estar, pois esses fatores impactam diretamente na aprendizagem e no engajamento dos estudantes. A climatização adequada, o acesso à internet de qualidade e a existência de espaços específicos para estudo individual ou coletivo são recursos que contribuem para a permanência e o rendimento dos discentes, especialmente daqueles que enfrentam trajetos longos e dificuldades logísticas para frequentar a universidade.

Além do caráter funcional, o espaço “Rita Eutrópio” carrega consigo um forte valor simbólico e afetivo. Ao homenagear uma professora que marcou a história da educação local, a universidade reafirma seu compromisso com a memória, com a valorização dos educadores e com a construção de uma identidade institucional enraizada na história do município. Como ressalta Arroyo (2012), “a escola e a universidade não educam apenas com o currículo, mas também com os símbolos,

os gestos, os reconhecimentos e os silêncios”. Assim, esse novo espaço representa não apenas um avanço físico, mas um gesto pedagógico e político de reconhecimento das raízes da educação em Tefé.

Dessa forma, o CEST/UEA tem consolidado seu papel como uma instituição de ensino superior comprometida com a inclusão, com a valorização do ser humano em sua integralidade e com o fortalecimento das relações entre universidade e comunidade. O acolhimento se traduz, portanto, não como um discurso vazio, mas como uma prática cotidiana sustentada por políticas institucionais, infraestrutura adequada e respeito às múltiplas identidades que compõem o tecido social amazônico. A fala da coordenadora de qualidade atual, Monica Dias de Araújo:

De 2020 para cá passamos por um momento de dificuldades devido a pandemia de covid-19, nesse tempo de pandemia, a Universidade como um todo adotou algumas providências em relação a essa afirmativa, para garantir o direito de acessar o conhecimento de alguns estudantes e de modo específico as mulheres também, por exemplo: a distribuição de celulares e de chips, nesse período para cá, em que as aulas passaram a ser no formato online, em que muitas pessoas não tinham acesso a celular e mulheres principalmente e elas puderam acessar esse instrumento para poder acessar o conhecimento e também foi um momento difícil e também nós enfrentamos várias dificuldades que a gente vem observando, pois que quando as mulheres saem de suas comunidades as vezes tem seus filhos né? Algumas têm filhos e não tem com quem deixar e com isso, mais precisamente em 2023, foi ano passado, a gente já vinha observando isso, por exemplo: eu sou professora e dentro das minhas aulas, vejo várias mulheres dentro da sala de aula, elas às vezes não conseguem se concentrar nas aulas, porque tinham que ficar cuidando dos filhos e aquilo sempre me causava uma certa inquietação e sentia que tinha que fazer alguma coisa, se ouvia dizer que fariam a brinquedoteca, que iriam fazer um laboratório de ludicidade, mas na verdade eu não vi ações concretas para atender de fato as crianças e isso me incomodava e assim que nós, como nova gestão, tivemos a oportunidade ao assumir a gestão em 2023, foi o primeiro projeto encaminhado e de imediato foi aprovado. Hoje, a gente conta com essa ação afirmativa, o Centro de Estudos Superior de Tefé foi o primeiro centro da Universidade do Estado do Amazonas que levou esse projeto, que foi defendido na câmara de extensão e foi aprovado. Hoje contamos com 6 bolsistas, duas em cada

turno, atendendo as crianças, das mães que vem para cá para o CEST e precisam estudar e se concentrar nas aulas, que precisam ter esse apoio durante seu período de estadia no prédio da universidade ou em aula ou no momento em que estão efetuando algum projeto de extensão como: PIBID, PAIC, elas contam com esse apoio e das bolsistas da salinha IANE (sala de acolhimento) para cuidar de seus filhos, então essa foi uma ação que nós tivemos como avanço de 2020 para cá, mais precisamente em 2023. (Entrevista/2024).

ESPAÇO DE ACOLHIMENTO INFANTIL NO CEST-UEA

Figura 4: Título: Inauguração do espaço acolhedor aos filhos dos acadêmicos, no CEST



Fonte: Pesquisadora

O compromisso da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), por meio do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), com a democratização do acesso à educação superior, não se limita à expansão de vagas ou à oferta de cursos, mas se materializa também por meio da criação de espaços físicos e institucionais pensados para a diversidade de seus estudantes. Nos últimos anos, a instituição vem consolidando uma infraestrutura mais acessível, funcional e acolhedora, contribuindo para a permanência estudantil com dignidade.

Dentre essas ações, destaca-se a criação de um espaço específico voltado ao acolhimento de filhos(as) das discentes, especialmente mulheres mães que, até então, enfrentavam o desafio cotidiano de conciliar a maternidade com os estudos acadêmicos. A implantação desse espaço representa um avanço significativo no que se refere à inclusão de gênero e à promoção de equidade, reconhecendo as

múltiplas jornadas enfrentadas pelas mulheres na universidade. Segundo Araújo (2019), “a presença de políticas de acolhimento para mães universitárias contribui diretamente para a redução da evasão e para o fortalecimento da permanência estudantil, além de representar um gesto concreto de justiça social no espaço acadêmico”.

Além disso, o CEST conta com um auditório climatizado e com estrutura adequada para abrigar eventos acadêmicos, científicos e culturais, aberto tanto à comunidade interna quanto externa. Esse espaço, projetado com rampas de acesso e mobilidade para cadeirantes, traduz um compromisso com a acessibilidade universal, conforme previsto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), assegurando que “a pessoa com deficiência tem direito à acessibilidade em todos os espaços e equipamentos públicos”.

A presença de laboratórios equipados, biblioteca atualizada, salas de mídias com miniauditório, além da climatização dos ambientes, também evidencia o esforço contínuo da instituição em garantir a qualidade do processo formativo. Esses espaços favorecem a realização de práticas pedagógicas diversificadas, ampliando as possibilidades de ensinoaprendizagem com recursos tecnológicos e metodologias ativas.

Outro avanço importante para a permanência e o bem-estar dos estudantes foi a implantação do Restaurante Universitário (RU), iniciativa que atende não apenas discentes provenientes de áreas rurais ou de municípios vizinhos, mas também estudantes residentes na zona urbana da cidade de Tefé. O RU garante uma alimentação balanceada a baixo custo, fator que impacta positivamente no rendimento acadêmico e na qualidade de vida dos estudantes. Conforme Silva (2016), “a existência de políticas de assistência estudantil, como moradia, alimentação e transporte, constitui-se como elemento essencial à democratização do acesso à educação superior com qualidade”.

Ademais, o CEST/UEA vem buscando consolidar parcerias interinstitucionais que visem à ampliação dos serviços e projetos voltados à comunidade acadêmica, incluindo programas de atenção psicossocial, ações de extensão comunitária e programas de apoio pedagógico. Essas ações são compreendidas como fundamentais à construção de uma universidade pública comprometida com a transformação social, como afirma Santos (2011): “não basta abrir as portas da universidade; é preciso garantir que todos que entrem tenham as condições reais de permanecer, resistir e transformar o espaço”.

Assim, o conjunto das iniciativas estruturais e pedagógicas desenvolvidas pelo CEST/UEA aponta para uma concepção de universidade que acolhe, que com-

preende as singularidades de seus sujeitos e que se orienta pelo princípio da justiça educacional. A estrutura física, os serviços de apoio e os projetos em desenvolvimento refletem um modelo institucional que valoriza o ser humano em sua integralidade e reconhece o papel central da educação na construção de uma sociedade mais equitativa e plural.

Pensando em permitir a permanência das mulheres na Universidade, políticas foram adotadas pela UEA. A coordenadora de qualidade, Monica Dias de Araújo, nos relatou que:

Nós sabemos que trabalhamos com as diferenças e com toda a diversidade, e nessa diversidade, nós vamos encontrar mulheres com deficiência, mulheres indígenas, mulheres pretas mulheres que são vítimas de violência, mulheres que precisam de um atendimento, que precisam de um acolhimento. Então, alguns colegiados pensando nessas necessidades desenvolvem ações de acolhimento, ações de escuta, alguns professores e professoras têm iniciativas que fazem a gente ter conhecimento de cada caso, são ações que de certo modo são pequenas mas que às vezes fazem a diferença nas vidas dessas pessoas que precisam, principalmente aquelas que precisam ser ouvidas e muitas mulheres já foram encaminhadas para as redes de apoio do sistema de saúde municipal e passam a receber atendimento médico e psicológico por serem vítimas de violência domésticas e na questão da deficiência também a gente tem buscado esse apoio para que elas possam ter não somente o ingresso na universidade, mas a garantia de sua permanência com qualidade, além do sucesso futuro para dar continuidade a sua vida e também, caso seja a sua vontade, dar continuidade aos estudos com sucesso e a estamos encaminhando um projeto de apoio às pessoas indígenas que englobam as mulheres e grupos vulneráveis na questão de desenvolvimento da leitura e da escrita, pois há vezes que chegam com dificuldades. Esses grupos vulneráveis que englobam mulheres também, sejam elas com deficiências e indígenas, há um levantamento sobre o quantitativo e quais necessidades cada grupo possui. Tem também os estudantes também homens no meio desse grupo porque, como a gente trabalha com educação a gente pensa em todos e em cada um e a gente não frisa especificamente um grupo, com exceção do clube das manas que é voltada unicamente para as

mulheres, todas as demais ações afirmativas aqui dentro, estão abertos a todas as pessoas, mulheres, homens, até a salinha IANE, por exemplo, faz acolhimento aos homens que por vezes são pais separados ou que são cuidadores de seus filhos e que precisam desse acolhimento para manter seus filhos seguros dentro do espaço da Universidade, mas a maioria dos atendimentos da salinha no momento são feita por mulheres, ajudando a todos a concluírem seus cursos, isso sim é pensar em inclusão. (Entrevista/2024). Além da sala IANE que a gente apoia as crianças, que acolhe tanto as mulheres vindas da comunidade, como as mulheres vindas da zona rural, as de Alvarães e de outras cidades que vem para cá e existe também a casa do estudante que é o espaço de acolhimento e quando não tem lugar para ficar, tem essa disponibilidade em que se concorre ao edital e a professora Rita de Cássia Machado tem um projeto intitulado club das manas que é voltado especificamente para as mulheres de um modo geral que é um projeto específico do CEST/UEA (Entrevista/2024).

ABORDAGENS E POSSÍVEIS MELHORAMENTOS QUE PODEM SER FEITO PELA UNIVERSIDADE.

Apesar dos avanços promovidos pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), especialmente por meio do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), ainda há críticas pertinentes em relação às limitações da oferta de cursos no interior. Um dos pontos frequentemente mencionados por acadêmicos e pela comunidade local diz respeito à escassez de novos cursos de graduação e pós-graduação no município. Essa limitação gera um cenário desigual de oportunidades, visto que estudantes que desejam ingressar em formações específicas precisam, muitas vezes, migrar para a capital ou outros centros urbanos, o que representa não apenas um desafio financeiro, mas também emocional, cultural e social.

A ausência de uma política sólida de interiorização curricular e de diversificação de cursos acarreta o afastamento de jovens que não possuem recursos para se manter longe de suas famílias. Para muitos, o sonho da formação superior é interrompido antes mesmo de se iniciar. Como destaca Dourado (2010), “a expansão da educação superior no interior precisa vir acompanhada de políticas de per-

manência, de qualificação docente e de adequações curriculares voltadas para os contextos locais e regionais”.

As críticas à universidade como um espaço, muitas vezes, funcionalista e reprodutor de um modelo excludente, não são recentes. Tragtenberg (1979) já apontava que as instituições de ensino superior, ao seguir as lógicas do mercado capitalista, formavam profissionais voltados para suprir demandas de mão de obra, priorizando interesses econômicos em detrimento de uma formação crítica, cidadã e transformadora. Nesse sentido, a universidade reproduz desigualdades ao não dialogar com as realidades locais, perpetuando a exclusão dos saberes tradicionais e da diversidade sociocultural.

Complementando essa crítica, Santos (2008) afirma que a universidade moderna, pautada em uma racionalidade científica hegemônica, tende a deslegitimar formas de conhecimento que não se adequam ao modelo ocidental eurocentrado. Para o autor, “a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (SANTOS, 2008, p. 21). Essa constatação reforça a urgência de se promover, no ambiente universitário, uma ecologia dos saberes, que valorize e integre o conhecimento científico, mas também os saberes ancestrais, populares e comunitários.

Com o ingresso de sujeitos historicamente excluídos da universidade – como indígenas, ribeirinhos, quilombolas e agricultores – novas práticas de ensino, pesquisa e extensão vêm sendo gradualmente incorporadas. Essa presença promove transformações na lógica institucional, obrigando a universidade a repensar seus currículos, metodologias e formas de produção do conhecimento. Como observa Santos (2011), “a universidade pública deve ser repensada como espaço de coabitação epistemológica, em que diferentes saberes possam dialogar de forma horizontal e transformadora”.

Além disso, ao considerar a diversidade da população amazônica, Farias, Silva e Oliveira (2010) destacam que “faz-se necessária a formação de recursos humanos locais, que assumam o papel de educadores de sua cultura”. Essa formação não apenas assegura a continuidade dos saberes tradicionais, mas também consolida o protagonismo das comunidades locais na construção de um projeto de desenvolvimento social e educacional autônomo, inclusivo e sustentável.

Nesse contexto, a educação superior assume uma função que transcende a mera formação técnica ou profissional. Ela se torna uma via de transformação

social e emancipação, contribuindo para a redução das desigualdades históricas entre o urbano e o rural, entre o centro e a periferia. Como afirma Freire (1996), “a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Assim, a universidade deve ser compreendida não apenas como uma instituição formadora de capital humano, mas como um espaço de liberdade, cidadania, produção de identidades e reconstrução de narrativas silenciadas.

Portanto, apesar das limitações estruturais e curriculares ainda presentes na UEA em Tefé, é inegável o seu papel fundamental no desenvolvimento regional, na valorização dos saberes locais e na construção de novas perspectivas para os povos da floresta e das águas. A universidade, ao se abrir para a diversidade cultural e epistemológica, pode finalmente se constituir como um espaço de resistência, pertencimento e transformação.

AUDITÓRIO DO CEST-UEA, LOCAL DE ENCONTRO E TROCAS

Figura 5. Título: auditório do CEST, um espaço de acolhimento a comunidade geral



Fonte: Pesquisadora

METODOLOGIA

Ao longo dessa pesquisa, foram feitas leituras que embasaram a sua escrita, bem como discussões e reflexões do tema trabalhado, além disso, se pode perceber que muitos teóricos abordam essa temática. Para tal, foi feito um levantamento bibliográfico, que para Goldemberg (2004, p. 14), “Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas como o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma investigação, de uma trajetória etc.”.

Dessa forma, este estudo utilizou-se da abordagem fenomenológica, que no conceito de Gil (2008) apresenta o pesquisador como sendo aquele que observa os fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados.

A pesquisa em si, foi apoiada em leituras prévias, bem como pesquisa de campo, realizadas no período de pesquisa para a dissertação do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas-PPGICH, para a Universidade do Estado do Amazonas-UEA, no Centro de Estudos Superior de Tefé-CEST. Em que teve como ponto de pesquisa a formação no Ensino Superior e de que forma essa formação impacta na vida de mulheres ribeirinhas.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

A universidade pública representa uma oportunidade, que outrora jamais seria imaginado, de acesso à educação em nível superior, ainda mais para mulheres advindas do interior, que enfrentaram e ainda enfrentam barreiras significativas ao acesso à educação, seja ela por falta de oportunidade, pelo acesso geográfico que nossa região representa, pela falta de infraestrutura e políticas públicas que garantam o acesso e a permanência no espaço acadêmico.

Muitos dos cursos hoje ofertados pelo CEST, são pensados na realidade do ribeirinho também, em seus saberes que são muitos e são riquíssimos. Tais cursos são adaptados à realidade da comunidade que não somente vem das comunidades rurais, mas também de cidades próximas que não contam com a estrutura física da UEA em seu município.

Tais oportunidades que a universidade traz, entre elas, estão além da certificação, mas para muitos, é a realização de um sonho e a oportunidade que muitos tem de ter novas oportunidades profissionais. Para as mulheres em si, representa também o seu empoderamento e sua autonomia, que a graduação as oportuniza,

proporcionando-lhes conhecimento e habilidades que podem e são de certa forma, ampliados em suas comunidades.

Ao se tornarem profissionais mais capacitadas e repleta de novos saberes agregados aos que já possuíam, essas mulheres passam a ter um papel de liderança, a influenciar outras pessoas ao seu redor, a ser mais críticas em seu espaço de vivência e por fim, promover mudanças pessoais e para o coletivo. A educação é um instrumento poderoso para a autonomia e permite que essas mulheres se tornem protagonistas de sua história.

A UEA, além de promover novos conhecimentos, faz com que a comunidade ribeirinha e sua cultura seja valorizada dentro do espaço acadêmico, integrando conhecimento acadêmico com as práticas culturais e tradicionais das comunidades ribeirinhas. Isso não somente valoriza a cultura local, mas também fortalece a identidade das mulheres e de todos, em uma maneira geral, permitindo que elas reconheçam a importância de seu legado, enquanto buscam por desenvolvimento pessoal e profissional.

COMUNIDADE EM QUE FOI REALIZADO A PESQUISA

Figura 6: Título: Comunidade da pesquisa



Fonte: colaboradora da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de mulheres ribeirinhas em áreas diversas, podem trazer benefícios diretos para sua comunidade. Essas mulheres passam a ser agentes de mudança, implementando práticas que respeitem a sua cultura, seus saberes, e seu meio de uma forma geral.

O acesso à educação superior contribui para redução das desigualdades sociais e econômicas, que se enfrentam estando em comunidades que, por ter difícil acesso, passam a ser um local de constantes e inúmeras dificuldades. Com uma formação adequada, há a possibilidade de conquistar melhores oportunidades de emprego, aumentar a renda familiar, melhorar a condição de vida, não apenas para si, mas para suas famílias que para a grande maioria, é a principal motivação para a continuidade de seus estudos e a superação das dificuldades enfrentadas ao longo da graduação.

A UEA oferece um espaço de acolhimento a toda a sua comunidade, não somente acadêmica, mas a todos de um modo geral. Em específico, as mulheres ribeirinhas podem estabelecer redes de apoio e colaboração com outras estudantes e profissionais de áreas diversas, como por exemplo, atendimentos psicológicos que também estão sendo ofertados pelo CEST. Essa rede de apoio associado a troca de experiência enriquece a sua formação e amplia suas expectativas, ajudando a superar os desafios que requer nos períodos de formação, dentro e fora da universidade.

Em suma, a universidade pública desempenha um papel crucial na formação de mulheres ribeirinhas no interior do Estado do Amazonas, promovendo acesso à educação superior, empoderamento, valorização pessoal e cultural, desenvolvimento sustentável e redução das desigualdades.

O investimento na educação é para além de investir no futuro, é valorizar a luta de nossos antepassados e fazer com a voz da floresta vai além do espaço belo, próspero e rústico que é idealizado mundo afora. A educação para essas mulheres representa a qualidade de vida dos espaços interioranos, a preservação da diversidade, seja ela da natureza, seja ela cultural que é tão rica em todo território amazônico.

REFERÊNCIAS

DOURADO, Luiz Fernandes. Educação superior e formação docente: desafios da expansão e da qualidade. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, p. 488-499,

2010. FARIAS, Isabel; SILVA, Patrícia; OLIVEIRA, Marcos. *Educação superior e saberes tradicionais: o papel da universidade na valorização da cultura local*. In: Anais do Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2008.

TRAGTENBERG, Maurício. **A universidade crítica**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ARAÚJO, Carolina de Oliveira. **Gênero, maternidade e permanência estudantil: desafios para a equidade nas universidades públicas brasileiras**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 40, 2019.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília: Presidência da República, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Maria das Dores Sampaio. **Políticas de assistência estudantil: condição para permanência e sucesso acadêmico**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 11, n. 4, p. 1673-1688, 2016.

FARIA, Ivani Ferreira de, SILVA, Raimundo Nonato Pereira da, Oliveira, Gilvan Muller de. **Licenciatura indígena, políticas educacionais e desenvolvimento sustentável no Alto Rio Negro**. In: Amaral, José Januário de Oliveira e Leandro, Eder-son Lauri (org.) *Amazônia e Cenários indígenas*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

FORQUIN, J.C., **A escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisas**. 6ª ed. São Paulo, 2008.

GOLDEMBERG, Mirian. **Pesquisa Qualitativa Problemas Teóricos Metodológicos**. In: *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record. 2012.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: Necrose**. 3ª ed. Tradução de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade do século XXI: para uma reforma emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as Ciências**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TRAGTENBERG, Maurício. **A delinquência acadêmica: o poder sem saber e o saber sem poder**. São Paulo: Rumo Gráfica Editora LTDA, 1979.